

O CARAPUCEIRO.

Periodico Moral, e so' per accidens politico.

Hunc servare modum nostri novare libelli
Parcere personis, dicere de vitiis.

Marcial Liv. 10 Epist 23.

Guardarei nesta folha as regras boas.
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

ANNO DE 1842.)

Sabbado 17 de Septembro.

(NUMERO 49.

O amor proprio, e a benevolencia.

MUITOS de meus Leitores, mormente Leitoras não gostão do Carapuceiro, quando este não vem adubado com a pimentinha das facecias embora algumas se zanguem, quando alguma carapuça lhes assenta de molde: mas nem sempre se podem dizer chalaças; e cumpre, que varie os assumptos quem não quer produzir tédio. Isto posto não he para estrar, que hum, ou outro numero do Carapuceiro seja mais serio.

Pode se encarar o homem debaixo de duas diferentes ideias, ou como criatura racional, ou como hum ente proprio para a sociedade, que pode tornar-se feliz, ou desgraçado, e contribuir para o bem, ou mal de seus semelhantes. Em consequencia destas duas capacidades o Creador do Universo sabiamente o revestiu de dous principios de acção, isto he; do amor proprio, e da benevolencia, hum dos quaes serve para o tornar solícito pelo seu interesse particular, e o outro dispõe-no a socorrer com todas as suas forças a aquelles, que tendem ao mesmo fim. Esta ideia he tão conforme ás luzes da razão, faz tanta honra a quem nos creou, e tanto realce dá á nossa especie, que custa a conceber, que houvesse homens capazes de reprezentar nos a natureza humana debaixo d'outras cores, pintando-a como unicamente agarada a hum vil, e sordido interesse.

Mas em verdade quem os induziu a formar hum quadro tão desvantajoso, e que prazer nelle podião encontrar? Accaso entendem, que retractando-se tem retractado a todos os mais homens? Seja

o que for, o famoso Epicuro foi hum dos primeiros, que tão indignamente falou da especie humana. Se estivessemos pela opinião de seus sectarios, a benevolencia não provem, senão de pura fraqueza; e todos os bons officios, que os homens mutuamente se prestão, são legitimos filhos do amor proprio. Releva todavia confessar, que isto está muito em harmonia com o restante desta filosofia, que depois de haver formado o homem de quatro elementos, atribue au accaso a sua existencia, e faz depender todas as suas acções do encontro fortuito, e pendor inintelligivel dos atomos. A vista destas glorioas descobertas o celebre poeta Lucrecio faz excessivos elogios ao seu heroe, como se este devesse de ser hum genio mais que humano por haver procurado estabelecer, que hum homem em nada se diferença d'hum burro. Ora o certo he, que de tal, ou tal homem parece, que se pode sustentar esta proposição sem muito receio de errar.

Nesta escola foi, que Hobes aprendeu a fallar da mesma sorte, se he, que este conhecimento lhe não proveio antes do que havia observado em seu proprio natural: e d'aqui escapou lhe o estabelecer como regra infallivel = Que todo o homem, que se examina a si mesmo, e considera o que faz, e sobre que fundamentos procede, quando pensa, espera, teme, &c verá por isso quaes os pensamentos, e paixões de qualquer outro homem, que esteja no mesmo caso. Não disputarei em verdade ao Sr. Hobes, que elle deixasse de conhecer melhor que ninguem, quaes fossem as suas propensões: mas de boa fe eu me quizera

muito mal, e teria tão pouca amisade a misé mesmo, como ao restante do mundo, se fosse tão inimigo dos mais, como elle suppõe. Eu penso pelo contrario, que a benevolencia he natural ao coração do homem, e que apezar de todas as paixões, que a estorvão, ou ofuscão, ella ainda conserva algum poder sobre as mais más indoles, e grande influencia sobre as boas. Parece-me além disto, que o que pode subministrar excellente prova desta verdade he, que o melhor de todos os entes he aquelle, que possue toda a laia de perfeições em grao supremo; que deo existencia ao universo, e em quem não pode haver mingoa d'aquillo mesmo, que elle communicon ás suas criaturas sem nada perder do seu poder, e felicidade inalteravel.

He verdade, que os filosofos, de que acabo de fallar, tem feito todo o possivel por invalidar este argumento; de sorte que depois de haverem colocado os deoses no mais feliz estado, que se pode imaginar, no los pintão tão aferrados ao seu proprio interesse, como nós outros miseraveis mortaes, e lhes tirão a gerencia do genero humano sob pretexto de não precisarem de nós: mas se aquelle, que habita no ceo, não carece de nós, não há hum só momento, em que não careçamos delle. Se a contemplação dos thezouros immensos do seu espirito constitue as suas mais caras delicias, o seu maior regozijo provém de conciderar com olhos favoraveis esse numero infinito de criaturas, que elle tiron do seio do nada, e que se regozijão em os diferentes graos de existencia, e felicidade, de que os revestio. Nisto he, que consiste o verdadeiro, e glorioso caracter da Divindade, que não pode haver assim creado hum ente dotado de razão, e formado á sua imagem sem lhe ter imprimido algum cunho de tão amavel atributo.

Certamente de que prazer poderia gozar vista d' huma obra, que tão ponceo se lhe assemelhasse, hum espirito, cujo amor por suas criaturas não he menos extenso, que o seu conhecimento? Que criatura seria essa capaz de entreter-se de infinitos objectos, e a nenhum amasse á excepção

de si mesma? Que relação haveria entre o espirito, e o coração, entre o entendimento, e as affeições do homem? E poderia jamais florecer huma sociedade de criaturas taes, que para o seu mutuo commercio não tivessem outro principio, senão o amor proprio? He certo, que a razão obrigaria cada homem em particular a procurar a felicidade publica, como hum meio de obter, e segurar a sua: mas se além deste motivo não houvesse hum instinto natural, que nos levasse a desejar as vantagens, e a satisfação dos mais, o amor proprio, apezar de todas as razões do mundo, não tardaria, que sublevasse tudo, e nos arremessasse a hum estado de confuzão, e de guerra. Por maior interesse, que a alma tome pela saude do corpo, o nosso sapientissimo Creador julgou, que convinha fazella lembrada do cuidado, que lhe merece pela volta periodica da fome, e da sede; pois elle bem sabe, que se não comessemos, nem bebessemos, se não quando simples ideias abstractas o exigissem, á força de raciocinar logo nos privariamos da vida.

Em verdade facil he conhecer, que nada prosseguimos com ardor sem sermos arrastrados por huma especie de pendor, que previne a nossa razão, e que como hum peso para ali pucha o espirito com alguma violencia; de maneira que para estabelecer entre os homens hum commercio perpetuo de bons officios não podia o Creador deixar, a ser possível, de lhes dar essa generosa inclinação á benevolencia: e donde viria a impossibilidade? Por ventura esta inclinação vai d'encontro ao amor proprio? São-lhe contrarios os seus movimentos? Elles tanto os são, quanto o movimento diurno da terra he oposto ao seu movimento annual, ou quanto o movimento em torno do seu centro, (que bem se pode comparar ao amor, proprio), he oposto ao que o leva em redor do centro commun do mundo, que corresponde á benevolencia universal.

Mas o que he, que a este respeito observamos todos os dias? Por ventura a piedade, que sentimos á vista das pesso-

as, que sofrem, ou que jazem na miseria, e o prazer, que experimentamos pelas havermos arrancado a essa miseria, não provão sobejamente, que há huma benevolencia desinteressada? Se a piedade devesse a sua origem á reflexão, que fazemos de sermos todos sujeitos aos mesmos accidentes, ella de nada serviria para o nosso fim; e seria de mais disso alegar huma causa indirecta inadmissivel; por quanto a piedade he huma paixão tão natural, que chegão a sentila com mais força os meninos, e as pessoas menos dadas á reflexão. Na verdade se a compaixão, a benevolencia, &c. são filhas do calculo, como tem dicto alguns filosofos da escola materialista; porque vemos ser muito mais piedoso, muito mais beneficente o bello sexo, do que o nosso? Porque encontramos a mais terrena, a mais doce piedade na mimoza denzella, ao mesmo passo, que nos revolta a dureza, e egoismo de muitos doctores?

A respeito da satisfação, que recebemos, logo que hayemos feito serviço a alguém, ou o temos aliviado de suas magoas, satisfação seguramente ineffável, quando o serviço he importante, e abraça muitos objectos; a que outra causa podemola atribuir, senão ao sentimento interior de havermos praticado huma ação digna de louvor, e que mostra grandeza d'alma? Pelo contrario se em tudo isto não se obra, senão por principio de vaidade, e de amor proprio, não havendo nada de nobre, nem de generoso nas ações ainda as mais estrepitosas. a natureza deixa de as recompensar com esse prazer divino, de sorte que os mesmos elogios, que recebemos por serviços feitos com vistas de interesse não nos satisfazem mais, do que se somos aplaudidos pelo que fizemos sem proposito deliberado.

A satisfação interior, que sentimos, de sermos bemfeiteiros do genero humano, he sem duvida a mais nobre recompensa, que podemos aguardar; e os maiores interesseiros nada podem propor se, que tanto se torne em sua vantagem, posto que a inclinação, apezar de tudo isto, seja desinteressada. O prazer,

que temos, em satisfazer a fome, a sede, não he seguramente a causa do nosso apetite; pois huma, e outra o precedem. O mesmo se pode dizer da propensão, que temos para nos tornarmos uteis aos nossos semelhantes, só com a diferença desta residir na parte intellectual, e poder ser melhorada, e governada pela razão, posto a preceda, ou antes não seja virtude, senão quando guiada pela razão.

Sei quanta voga, quanto incremento se há dado á doutrina do interesse. Não ignoro, que o nosso seculo, sendo o seculo dos gozos materiaes, tem endeossado o egoismo. Não desconheço, que hoje cada qual só tracta de si, e das traças, com que ha de embagar aos mais; observo finalmente que o mundo actual só quer o positivo, e que a mór parte da gente olha só aos fins, e nunca aos meios. Todavia entendo, que ainda existem almas generosas, que fazem o bem sem ser por cálculos d'interesse, corações verdadeiramente piedosos, que se condoem dos males alheios, e procurão dar-lhes remedio, ou ao menos alivio. Mas ainda quando a benevolencia á força d'estereis cálculos do egoismo desaparece dos corações dos homens, toda se iria refugiar no bello sexo, e a piedade motejada, e proscripta pelos filosofos egoistas encontraria sempre doce, e pacifica morada no coração d' huma esposa amante, d' huma mãe carinhosa, d' huma filha desvelada.

Mas caso fosse verdadeira a mimosa doutrina do egoismo, eu diria de bom grado a este respeito o que á cerca da immortalidade d'alma disse o Orador Romano, isto he; que o meu erro me he caro, e que seria para desejar, que todo o genero humano, por sua propria felicidade, estivesse na mesma illusão. A ideia contraria pelo menos encaminha-se naturalmente a desalentar o espirito, e a abysmal em huma baixeza fatal ao nobre desejo, que temos de fazer bem. Por outra parte ella auctoriza aos ingratos; pois lhes persuade, que os seus bemfeiteiros tem antes em vista o seu amor proprio, do que a vantagem d'aquelles, a

quem pretendem servir. Fora disto a quelle que desterra do mundo o reconhecimento, faz secar quanto pode o manancial de toda a generosidade; porque posto que o homem verdadeiramente generoso não espere premio algum de seus benefícios, todavia attende ás qualidades da pessoa, a quem favorece; e como nada há, que a possa tornar mais indigna de os receber, do que a sua insensibilidade, o bemfeitor não se empenhará muito por lhe prestar novos serviços. Finalmente sejamos benevolos, apezar da torrente do seculo, que nos arrasta para os frios cálculos do egoismo. O mundo seria hum inferno, se delle se eliminasse inteiramente a benevolencia, e se ao menos entre mil egoistas senão achasse hum coração generoso, compadecido, e desinteressado.

VARIÉDADE.

Os nomes affectuosos.

Bem sabido he, que no bello sexo reside o imperio da ternura. As mulheres em geral são muito mais carinhosas, que os homens; e d'aqui as finezas, e agrados, que ellas soem praticar com as pessoas, que lhes são caras. Muitas não se contentão de tractar as suas amigas pelos seus nomes de baptismo, e ora procurão modificalos docemente, e até invertelos, ora ajnstão tractar-se reciprocamente por denominações affectuosas, que tem o seu fundamento ás vezes historico, ás vezes de mera fantazia. D'aqui vem as Mariquinhas em lugar de Mariasinhas, as Chiquinhas, as Quinquinas, as Tetés, as Tudinhas, as Naninhas, as Fintas, as Totonias, as Bellinhas, as Bibios, as Lulús, e Lolós, as Taninhas, as Canexas, as Cotinhas, as Gilús, as Quilós, as Bebes, as Quimiminhas, as Chaguinhas, as Tatuzinhas, as Mimiz, as Nonquinhas, as Nhonhós, as Sinhás, as Dondons, e Yayas, &c. &c.

Não contentes com estes nomes invertidos pela sua ternura ellas tomão entre si

outros para designarem as suas affeções, e circunstancias de suas amisades, e chamão-se meus agrados, meus carinhos, meus encantos, meus olhos, meu coração, mens me deixes, minha firmeza, meus ciumes, minhas sandades, minhas sympathias, minhas trapalhadas, meus feitiços, minhas gordurinhas, meu desempeuho, meus dedinhos, minhas tentações, minha priminha, minha maninha, minhas fortunas, meus arrufos, minhas tudinhas, &c. &c.

Asgumas há, que tambem extendem essas ternuras a certos sujitos da sua estima, os quaes, apezar de barbadões, e quasi sempre da classe dos manembros, propõe-nas, ou as acceptão, e são conhecidos pelos esperdiçados de D. Aninha, por cravinhos de Sinhá Bembem, por negrinho de Yaya Nanú, por embarcos de D. Binguinha, por mais que tudo de D. Chichi, &c. &c. Conheci huma menina não mal parecida, que tractava por seu cravinho a certo primo seu, conhecido pelo nome de Pedoca, o qual Pedoca além de amarello, como huma vella de cebó, era insuportavelmente tollo, e desengraçado: mas a menina echava-lhe tanto sal! Volta e meia não fallava senão em seu cravinho, que dizia isto, e fazia aquillo. Disserão-me ao depois que o tal cravinho veio a morrer hydroptico de comer farinha seca. Achando-me á annos em certa companhia, ahi estava huma velha, que não contava menos de seus 60 annos, e que se appresentava bem espartilhada para apertar a fiouzeza das carnes: nenhuma das moças presentes era mais cheia de denguices, e ternuras: e como tractassem de tomar nomes entre si, como com alguns dos sujeitos, hum magano propoz á velha o tractala por minha francesinha; e a pobre tolla acceptou a ironia, e deo-se por muito contente do elogio.

Esses nomes ás vezes são indiferentes: mas tambem ás vezes tem, como se diz, agoa no bico, mormente quando tomados entre pessoas de diferente sexo: por isso alguns pais, alguns maridos não os querem em suas casas. Já conheci hum Sr. Manezinho, que era tractado de sua prima por meus diabinhos e realmente desempenhou o titulo: porque fez por amor della cousas do diabo.

O CARAPUCEIRO.

Periodico Moral, e so' per accidens politico.

Hunc servare modum nostri novere libelli
Parcere personis, dicere de virtus.

Marcial Liv. 10 Epist. 23.

Guardarei nesta folha as regras boas,
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

ANNO DE 1842.)

Sabbado 17 de Septembro.

(NUMERO 49.

18

O amor proprio, e a benevolencia.

MUITOS de meus Leitores, mormente leitoras não gostão do Carapuceiro, quando este não vem adubado com a pimentinha das facecias embora algumas se vangueem, quando alguma carapuça lhe assenta de molde: mas nem sempre se puder dizer chalaças; e cumpre, que varie os assumptos quem não quer produzir tédio. Isto posto não he para estranhar, que hum, ou outro numero do Carapuceiro seja mais serio.

Pode se enarrar o homem debaixo de duas diferentes ideias, ou como criatura racional, ou como hum ente proprio para a sociedade, que pode tornar-se feliz, ou desgraçado, e contribuir para o bem, ou mal de seus semelhantes. Em consequencia destas duas capacidades o Creador do Universo sabiamente o revestiu de dous principios de ação, isto he; do amor proprio, e da benevolencia, hum dos quaes serve para o tornar solícito pelo seu interesse particular, e o outro dispõe-no a socorrer com todas as suas forças a aquelles, que tendem ao mesmo fim. Esta ideia he tão conforme ás luzes da razão, faz tanta honra a quem nos creou, e tanto realce dá á nossa espécie, que custa a conceber, que houvesse homens capazes de reprezentar-nos a natureza humana debaixo d'outras cores, pintando-a como unicamente agarada a hum vil, e sordido interesse.

Mas em verdade quem os induzio a formar hum quadro tão desvantajoso, e que prazer nelle podião encontrar? Accaso entendem, que retractando-se tem retractado a todos os mais homens? Seja

o que for, o famoso Epicuro foi hum dos primeiros, que tão indignamente fallou da especie humana. Se estivessemos pela opinião de seus sectarios, a benevolencia não provém, serão de pura fraqueza; e todos os bons ofícios, que os homens mutuamente se prestão, são legitimos filhos do amor proprio. Releva todavia confessar, que isto está muito em harmonia com o restante desta filosofia, que depois de haver formado o homem de quatro elementos, atribue ao aecaso a sua existencia, e faz depender todas as suas ações do encontro fortuito, e pendor inintelligivel dos atomos. A vista destas glorioas descobertas o celebre poeta Lucrecio faz excessivos elogios ao seu heroe, como se este devesse de ser hum genio mais que humano por haver procurado estabelecer, que hum homem em nada se diferença d'hum burro. Ora o certo he, que de tal, ou tal homem parece, que se pode sustentar esta proposição sem muito receio de errar.

Nesta escola foi, que Hobes aprendeo a fallar da mesma sorte, se he, que este conhecimento lhe não proveio antes do que havia observado em seu proprio natural: e d'aqui escapou lhe o estabelecer como regra infallivel = Que todo o homem, que se examina a si mesmo, e concidera o que faz, e sobre que fundamentos procede, quando pensa, espera, teme, &c verá por isso quaes os pensamentos, e paixões de qualquer outro homem, que esteja no mesmo caso. Não disputarei em verdade ao Sr. Hobes, que elle deixasse de conhecer melhor que ninguem, quaes fossem as suas propenções; mas de boa fé eu me quizera

muito mal, e teria tão pouca amizade a mim mesmo, como ao resto do mundo, se fosse tão inimigo dos mais, como elle supõe. Eu penso pelo contrario, que a benevolencia he natural ao coração do homem, e que apesar de todas as paixões, que a estorvão, ou ofuscão, ella ainda conserva algum poder sobre as mais más indoles, e grande influencia sobre as boas. Parece me alén disto, que o que pode subministrar excellente prova desta verdade he, que o melhor de todos os entes he aquelle, que possue toda a laia de perfeições em grao supremo; que deo existencia ao universo, e em quem não pode haver mingoa d'aquillo mesmo a que elle comunicou ás suas criaturas sem nada perder do seu poder, e felicidade inalteravel.

He verdade, que os filosofos, de que acabo de fallar, tem feito todo o possível por invalidar este argumento; de sorte que depois de haverem colocado os deoses no mais feliz estado, que se pode imaginar, no los pintão tão aferrados ao seu proprio interesse, como nós outros miseraveis mortaes, e lhes tirão a generosidade do genero humano sob pretexto de não precisarem de nós: mas se aquelle, que habita no ceo, não carece de nós, não há hum só momento, em que não careçamos delle. Se a contemplação dos thezouros immensos do seu espirito constitue as suas mais caras delicias, o seu maior regozijo provém de considerar com olhos favoraveis esse numero infinito de criaturas, que elle tirou do seio do nada, e que se regozijão em os diferentes graos de existencia, e felicidade, de que os revestio. Nisto he, que consiste o verdadeiro, e glorioso caracter da Divindade, que não pode haver assim criado hum ente dotado de razão, e formado á sua imagem sem lhe ter imprimido algum cunho de tão amavel atributo.

Certainemente de que prazer poderia gozar vista d'uma obra, que tão pouco se lhe assemelhasse, hum espirito, cujo amor por suas criaturas não he menos extenso, que o seu conhecimento? Que criatura seria essa capaz de entreter-se de infinitos objectos, e a nenhum amasse á excepção

de si mesma? Que relação haveria entre o espirito, e o coração, entre o entendimento, e as affeições do homem? E poderia jamais florecer huma sociedade de criaturas taes, que para o seu mutuo commercio não tivessem outro principio, senão o amor proprio? He certo, que a razão obrigaria cada homem em particular a procurar a felicidade publica, como hum meio de obter, e segurar a sua: mas se além deste motivo não houvesse hum instinco natural, que nos levasse a desejar as vantagens, e a satisfação dos mais, o amor proprio, apesar de todas as razões do mundo, não tardaria, que sublevasse tudo, e nos arremessasse a hum estado de confusão, e de guerra. Por maior interesse, que a alma tome pela saude do corpo, o nosso sapientissimo Creador julgou, que convinha fazella lembrada do cuidado, que lhe merece pela volta periodica da fome, e da sede; pois elle bem sabe, que se não comessemos, nem bebessemos, se não quando simples ideias abstractas o exigissem, á força de raciocinar logo nos privariamos da vida.

Em verdade facil he conhecer, que nada proseguimos com ardor sem sermos arrastrados por huma especie de pendor, que previne a nossa razão; e que como hum peso para ali pucha o espirito com alguma violencia; de maneira que para estabelecer entre os homens hum commercio perpetuo de bons officios não podia o Creador deixar, a ser possivel, de lhes dar essa generosa inclinação á benevolencia: e donde viria a impossibilidade? Por ventura esta inclinação vai d'encanto ao amor proprio? São-lhe contrarios os seus movimentos? Elles tanto os são, quanto o movimento diurno da terra he opposto ao seu movimento annual, ou quanto o movimento em torno do seu centro, (que bem se pode comparar ao amor, proprio), he opposto ao que o leva em redor do centro communum do mundo, que corresponde á benevolencia universal.

Mas o que he, que a este respeito observamos todos os dias? Por ventura a piedade, que sentimos á vista das perso-

as, que sofrem, ou que jazem na miseria, e o prazer, que experimentamos pelas havermos arrancado a essa miseria, não provão sobejamente, que há huma benevolencia desinteressada? Se a piedade devesse a sua origem á reflexão, que fazemos de sermos todos sujeitos aos mesmos accidentes, ella de nada serviria para o nosso fim; e seria de mais disso alegar huma causa indirecta inadmissivel; por quanto a piedade he huma paixão tão natural, que chegão a sentila com mais força os meninos, e as pessoas menos dadas á reflexão. Na verdade se a compaixão, a benevolencia, &c. são filhas d'calcúlo, como tem dicto alguns filósofos da escola materialista; porque vemos ser muito mais piedoso, muito mais beneficente o bello sexo, do que o nosso? Porque encontramos a mais ternura, e a mais doce piedade na mimoza donzella, ao mesmo passo, que nos revolta a dureza, e egoismo de muitos doctores?

A respeito da satisfação, que recebemos, logo que havemos feito serviço a alguém, ou temos aliviado de suas magoas, satisfação seguramente ineffável, quando o serviço he importante, e abrange muitos objectos; a que outra causa podemola atribuir, senão ao sentimento interior de havermos praticado huma ação digna de louvor, e que mostra grandeza d'alma? Pelo contrario se em tudo isto não se obra, senão por principio de vaidade, e de amor proprio, não havendo nada de nobre, nem de generoso nas ações ainda as mais estrepitosas. a natureza deixa de as recompensar com esse prazer divino, de sorte que os mesmos elogios, que recebemos por serviços feitos com vistas de interesse não nos satisfazem mais, do que se somos aplaudidos pelo que fizemos sem proposito deliberado.

A satisfação interior, que sentimos, de sermos bemfeiteiros do genero humano, he sem duvida a mais nobre recompensa, que podemos aguardar; e os maiores interesseiros nada podem propor se, que tanto se torne em sua vantagem, posto que a inclinação, apesar de tudo isto, seja desinteressada. O prazer,

que temos, em satisfazer a fome, a sede, não he seguramente a causa do nosso apetite; pois huma, e outra o precedem. O mesmo se pode dizer da propensão, que temos para nos tornarmos utéis aos nossos semelhantes, só com a diferença desta residir na parte intellectual, e poder ser melhorada, e governada pela razão, posto a preceda, ou antes não seja virtude, senão quando guiada pela razão.

Sei quanta voga, quanto incremento se há dado á doutrina do interesse. Não ignoro, que o nosso seculo, sendo o seculo dos gozos materiaes, tem endeossado o egoismo. Não desconheço, que hoje cada qual só tracta de si ^u e das traças, com que ha de embaçar aos mais; observo finalmente que o mundo actual só quer o positivo, e que a mór parte da gente olha só aos fins, e nunca aos meios. Todavia entendo, que ainda existem almas generosas, que fazem o bem sem ser por calculos d'interesse, corações verdadeiramente piedosos, que se condoem dos males alheios, e procurão dar lhes remedio, ou ao menos alivio. Mas ainda quando a benevolencia á força d'estereis calculos do egoismo desaparece dos corações dos homens, toda se iria refugiar no bello sexo, e a piedade motejada, e proscripta pelos filosofos egoistas encontraria sempre doce, e pacifica morada no coração d'humas esposa amante, d'humas mães carinhosa, d'humas filhas desvelada.

Mas caso fosse verdadeira a mimosa doutrina do egoismo, eu diria de bom grado a este respeito o que á cerca da immortalidade d'alma disse o Orador Romano, isto he; que o meu erro me he caro, e que seria para desejar, que todo o genero humano, por sua propria felicidade, estivesse na mesma illusão. A ideia contraria pelo menos encaminha-se naturalmente a desalentar o espirito, e a abysmalo em huma baixeza fatal ao nobre desejo, que temos de fazer bem. Por outra parte ella auctoriza aos ingratos; pois lhes persuade, que os seus bemfeiteiros tem antes em vista o seu amor proprio, do que a vantagem d'aquelle, a

quem pretendem servir. Fora disto a quelle que desterra do mundo o reconhecimento, faz secar quanto pode o material de toda a generosidade; porque posto que o homem verdadeiramente generoso não espere premio algum de seus benefícios, todavia attende ás qualidades da pessoa, a quem favorece; e como nada há, que a possa tornar mais indigna de os receber, do que a sua insensibilidade, o bemfeitor não se empenhará muito por lhe prestar novos serviços. Finalmente sejamos benevolos, apezar da torrente do seculo, que nos arrasta para os frios calculos do egoismo. O mundo seria hum inferno, se delle se eliminasse inteiramente a benevolencia, e se ao menos entre mil egoistas senão achasse hum coração generoso, compadecido, e desinteressado.

VARIEDADE.

Os nomes affectuosos.

Bem sabido he, que no bello sexo reside o imperio da ternura. As mulheres em geral são muito mais carinhosas, que os homens; e d'aqui as finezas, e agrados, que ellas soem praticar com as pessoas, que lhes são caras. Muitas não se contentão de tractar as suas amigas pelos seus nomes de baptismo, e ora procurão modificalos docemente, e até invertelos, ora ajustão tractar-se reciprocamente por denominações affectuosas, que tem o seu fundamento ás vezes historico, ás vezes de mera fantazia. D'aqui vem as Mariquinhas em lugar de Mariasinhas, as Chiquinhas, as Quinquinas, as Tetés, as Tudinhas, as Naninhas, as Finfas, as Totonias, as Bellinhas, as Bibios, as Lulús, e Lolós, as Taninhas, as Canexas, as Cotinhas, as Gilús, as Quilós, as Bebés, as Quimiminhas, as Chaguinhas, as Tatuzinhas, as Mimiz, as Nonquinhas, as Nhonhós, as Sinhás, as Dondons, e Yayas, &c. &c.

Não contentes com estes nomes invertidos pela sua ternura ellas tomão entre si

outros para designarem as suas affeições, e circunstancias de suas amisades, e chamão-se meus agrados, meus carinhos, meus encantos, meus olhos, meu coração, meus me deixes, minha firmeza, meus ciumes, minhas saudades, minhas sympathias, minhas trapalhadas, meus feitigos, minhas gordurinhas, meu desempeuho, meus dedinhos, minhas tentações, minha priminha, minha maninha, minhas fortunas, meus arrufos, minhas tudinhas, &c. &c.

Asgumas há, que também extendem essas ternuras a certos sujitos da sua estima, os quaes, apezar de barbadões, e quasi sempre da classe dos manegudos, propõe-nas, ou as aceitão, e são conhecidos pelos esperdiçados de D. Aninha, por cravinhos de Sinhá Bem-tem, por negrinho de Yáyá Nanú, por em?raços de D. Binguinha, por mais que bido de D. Chichi, &c. &c. Conheci huma menina não mal parecida, que tractava por seu cravinho a certo primo seu, conhecido pelo nome de *Pedoca*, o qual *Pedoca* além de amarelo, como huma vella de cebo, era insuportavelmente tollo, e desej graçado: mas a menina achava-lhe tanto sal! Volta e meia não fallava senão em seu era *finho*, que dizia isto, e fazia aquillo. Disserão-me ao depois que o tal cravinho veio a morrer hydropico de comer farinha seca. Achando-me á annos em certa companhia, ahi estava huma velha, que não contava menos de seus 60 annos, e que se apresentava bem espartilhada para apertar a siouxza das carnes: nenhuma das moças presentes era mais cheia de denguices, e ternuras: e como tractassem de tomar nomes entre si, como com alguns dos sujeitos, hum magano propoz á velha o tractala por minha francezinha; e a pobre tolla agradeceu a ironia, e deo-se por muito contente.

Esses nomes ás vezes são indiferentes; mas tambem ás vezes tem, como se diz, agoa no bico, mormente quando tomados entre pessoas de diferente sexo: por isso alguns pais, alguns maridos não os querem em suas casas. Já conheci hum Snr. Manezinho, que era tractado de sua prima por meus diabinhos e realmente desempenhou o titulo; porque fez por amor della cousas do diabo.